

CONDIÇÕES PARA O ESTUDO, SEGUNDO DEPOIMENTOS DE ALUNOS E PROFESSORES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO

Elizabeth Mercuri *

Resumo O trabalho busca identificar as condições que cercam a realização das atividades de estudo do universitário. Entre os aspectos investigados estão incluídos os espaciais, materiais, pessoais e temporais. Os dados foram coletados através de questionários aplicados a estudantes e professores de cursos de graduação da UNICAMP. Os resultados indicam que professores e estudantes consideram os problemas de falta de tempo, determinados por excesso de atividades obrigatórias, como os de maior influência na determinação das dificuldades que alunos encontram na realização das atividades de estudo.

Palavras-chaves: Comportamento de estudo; habilidades de estudo; ensino superior.

Abstract The aim of this work is to identify conditions which influence study activities of university students. It investigates aspects related to space, material, personal and time conditions. The data were collected with questionnaires applied to teachers and undergraduate students at UNICAMP. The results indicated that professors and students consider the problem of lack of time, due to the excess of curriculum activities, as the most determinant of the difficulties that the students meet in developing study activities.

Descriptors: Study behavior; study skills; higher education.

A tarefa acadêmica do estudante, em qualquer nível de ensino, é constituída por dois conjuntos de atividades interdependentes: participação em aulas e atividades obrigatórias, e a realização de atividades relacionadas e complementares às primeiras, que devem ocorrer fora do horário de aulas. Estas últimas, em geral, denominadas de *atividades de estudo*, incluem uma ampla gama de tarefas, que devem ser desenvolvidas fora da sala de aula, e na ausência do professor, tais como leituras, preparação de trabalhos, de provas, relatórios, exercícios, resolução de dúvidas, pesquisa bibliográfica, etc.

Na universidade, a necessidade e importância de um trabalho independente por parte do estudante parece ser um consenso, não só entre pesquisadores da área, como também entre os envolvidos diretamente no processo. Em nossa experiência com o ensino de graduação, temos frequentemente observado, que tanto professores como alunos, apresentam justificativas para aprendizagens não satisfatórias assentadas na não realização ou na realização inadequada dessas atividades.

O desempenho esperado do estudante pressupõe a realização das tarefas de estudo, de tal forma que garanti-lo implica, em boa parte, assegurar-se que elas sejam realizadas, controlando-se suas condições facilitadoras e dificultadoras.

No entanto, as informações disponíveis sobre esses aspectos, em geral, ou estão limitadas à observações nem sempre sistemáticas e controladas que realizamos no decorrer da prática docente, ou àquelas oriundas de apreciações e informações de colegas a respeito do desempenho de seus estudantes.

Pressupondo-se que o conhecimento das circunstâncias que cercam as atividades de estudo pode contribuir para a elaboração de propostas que visem a melhoria do processo ensino-aprendizagem, este trabalho foi realizado com o objetivo de descrever as condições sob as quais ocorrem as atividades de estudo do aluno de graduação e comparar as opiniões de estudantes e professores acerca das condições dificultadoras à realização dessas atividades.

* Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

A realização de um estudo com características de levantamento contemplando diferentes variáveis e envolvendo informações prestadas por estudantes e por seus professores, pretende propiciar uma visão extensa da questão “condições de estudo do universitário” e auxiliar em eventuais tomadas de decisão acerca da disposição dessas condições, sejam elas de responsabilidade da instituição, do professor ou do próprio aluno, estejam elas no âmbito geral da universidade, nos limites da sala de aula ou no ambiente residencial do estudante.

Método

Informantes

Os dados foram coletados junto a 467 estudantes e 22 professores voluntários, provenientes de seis cursos da graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), das áreas de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde (cursos: Ciências Biológicas e Enfermagem), Ciências Exatas e Tecnológicas (cursos: Engenharia Elétrica e Química) e Ciências Humanas (cursos: Ciências Sociais e Pedagogia).

Entre os estudantes 234 eram do sexo feminino e 233 do masculino, com idade variando de 16 a 49 anos com concentração de 73,4% na faixa de 18 a 22 anos. Quanto ao estado civil, 89,5% eram solteiros sendo que a maioria deles (62,0%) não exercia trabalho remunerado, 21,5% trabalhavam até 20 horas semanais e 16,5% dedicavam mais de 20 horas semanais ao trabalho. Em relação ao local de moradia usado durante o período de aulas, observou-se que 52,7% residiam com família ou parentes, 42,0% em repúblicas ou pensionatos e os demais 6,3% sozinhos ou em outros tipos de moradia.

Dos 22 professores, 8 eram da Área de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde; 7 de Ciências Exatas e Tecnológicas e 7 da Área de Ciências Humanas, exercendo atividades docentes junto aos cursos de graduação da UNICAMP, por períodos que variavam de 3 a 15 anos.

Instrumentos

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, optou-se pelo uso do questionário como instrumento de coleta de dados. O planejamento exigiu a construção de dois instrumentos: um a ser utilizado na obtenção de informações junto aos estudantes e outro para professores.

A análise da literatura sobre o tema somada às nossas experiências pessoais com o ensino de graduação conduziram à organização de quatro amplas categorias de variáveis que foram denominadas de condições espaciais, materiais, temporais e pessoais, cujos itens passaram a compor os questionários.

Em *condições espaciais* são investigados os elementos do ambiente físico e social do local onde ocorre o estudo. Na categoria denominada *condições materiais* ficaram alocadas as variáveis ligadas à aquisição e disponibilidade dos apetrechos utilizados ou necessários. Em *condições temporais* foram agrupados os aspectos relacionados ao período de tempo reservado ao estudo, incluindo-se aqui elementos do quando e do quanto tempo é dedicado a ele. As *condições pessoais* constituíram um amplo grupo que abrangeu tanto os aspectos ligados ao repertório de comportamento considerados necessários ao desempenho do estudante, como também os elementos de sua condição física associados ao desempenho.

Resultados e discussões

Dos estudantes

Os dados envolvendo as *condições espaciais* indicam que a maior parte dos estudantes (70,5%) utiliza, como principal local de estudo, ambientes fora da universidade, sobretudo seus locais de residência. As dependências da universidade constituem-se em principal local de estudo para apenas 14,2% dos informantes. Ao avaliarem o local que utilizam, aproximadamente 1/3 dos estudantes o consideram como inadequado para a realização das atividades de estudo, sendo esta condição apontada de forma mais acentuada pelos que estudam em repúblicas e pensionatos (Ver Tabela 1).

Tabela 1
Avaliação dos Locais onde são Realizados as Atividades de Estudo

Avaliação	Local de estudo									
	Casa		Repúblicas Pensionatos		Bibliotecas		Local Variável		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Adequado	162	77,2	66	58,9	33	66,0	40	47,6	301	66,0
Inadequado	48	22,8	46	41,1	17	34,0	44	52,4	155	34,0
Total	210	100,0	112	100,0	50	100,0	84	100,0	456 ¹	100,0

Entre os fatores determinantes da inadequação, há predominância de problemas de ordem social (pessoas conversando e transitando, TV e rádio ligados, etc) em todos os locais de estudo. Os problemas ligados ao ambiente físico (espaço, iluminação, ventilação, temperatura e mobiliário inadequados) são apontados, com certo destaque, pelos que estudam nas repúblicas e pensionatos e nas bibliotecas da universidade.

A questão do espaço reservado ao estudo deve ser vista com atenção pelas universidades. Dentro dos limites de um campus, entendemos que cabe às bibliotecas, o papel de reservar e oferecer aos alunos o espaço necessário à realização das atividades de estudo. Imperatriz e Valente (1988) investigando a expectativa de alunos de graduação da Universidade de São Paulo com relação à biblioteca universitária, verificaram que esses esperam que a biblioteca atue como um prolongamento da sala de aula, proporcionando-lhes área para discussão e elaboração de trabalhos escolares, com possibilidades de consultas ao material, e provendo-lhes ainda momentos alternativos de descanso na própria biblioteca.

O arranjo das condições de estudo das bibliotecas da universidade deveria contemplar principalmente as setoriais já que são elas que os estudantes buscam com maior frequência. Balzan (1993) verifica que, entre as bibliotecas da universidade (as setoriais ou a central), o aluno utiliza para estudo, com maior frequência,

a de sua própria faculdade ou instituto. O motivo dessa preferência não fica esclarecido, porém podemos pressupor que a especificidade do acervo e a proximidade dessas bibliotecas aos locais de aula e de maior circulação dos estudantes favorecem o acesso a elas.

Apesar da importância do espaço proporcionado pelas bibliotecas universitárias, entendemos que a questão do arranjo de condições espaciais ao estudo é de responsabilidade quase exclusiva do estudante. Uma vez que ele estuda principalmente na residência é esse o local que deve ser organizado e planejado. Convivendo com familiares e colegas, o estudante deve aprender a conquistar e garantir condições no espaço necessário para o estudo, o que, com certeza, depende de fatores motivacionais e de experiências precedentes. Lidar com isso talvez implique em ensinar o estudante a analisar e dispor condições para o estudo eficiente, onde quer que ele se realize.

O estudo das *condições materiais* relacionadas às atividades de estudo mostra que, quanto à natureza do material utilizado pelo estudante, há um predomínio quase que absoluto dos livros e textos, como principais materiais utilizados, em 98,0% das respostas. Com relação à procedência deste material (Tabela 2), observamos que a compra em livrarias é a principal forma de aquisição. Devemos notar que a utilização de material fotocopiado supera até mesmo os empréstimos em biblioteca, como forma de aquisição do material.

Tabela 2
Forma de Aquisição do Material para Estudo

Forma de Aquisição	f	%
a. empréstimo em bibliotecas	111	25,0
b. empréstimo de colegas/prof.	62	13,9
c. compra em livrarias	139	31,3
d. xerocados	126	28,4
e. compra de colegas	1	0,2
f. não adquiriu ou emprestou livros ou textos no semestre	5	1,2
Total	444	100,0

A ocorrência de dificuldades econômicas, relacionadas ao alto custo financeiro do material envolvido, inviabilizando a realização de atividades de estudo é apontada por apenas 1/5 dos informantes.

Mais uma vez, como poderíamos esperar, vemos confirmado o lugar ocupado pelos livros e textos como materiais predominantes na formação acadêmica do universitário. Entretanto, é para a forma de aquisição do material que os dados desse trabalho chamam a atenção. A alta utilização da fotocópia, como forma de reprodução e aquisição do material de estudo, impõe à universidade a necessidade de atentar para um serviço que já pode ser considerado como básico.

Com seu uso incorporado ao cotidiano universitário e expandindo-se para os demais níveis de ensino, o material fotocopiado deveria ser melhor analisado quanto às suas consequências sobre a formação do estudante. Essas preocupações justificam-se na medida em que assistimos, em alguns cursos, a uma quase total substituição da utilização dos livros, como unidades totalizantes de idéias de um autor ou assunto, por capítulos ou partes retalhadas de obras cuja origem, extensão e significado no contexto da área ou disciplina nem sempre o aluno conhece.

A essas questões poderíamos ainda acrescentar algumas indagações acerca da interferência da fotocópia sobre as técnicas de estudo do material escrito. Já que este material possui características mais descartáveis do que o livro, poderíamos pressupor um maior favorecimento da adoção de técnicas como o sublinhar e o anotar no texto.

A investigação das *condições temporais* mostra que, quanto à frequência com que os estudantes realizam as atividades de estudo, a maioria deles, ou não tem regularidade (39,7%), ou dedica-se todos os dias da semana (37,8%) à execução dessas tarefas. Dos demais, 11,6% afirmam estudar de segunda à sexta-feira, 9,7% só em fins de semana e uma minoria, correspondente a 1,2%, indicou que nunca estudou no semestre em que responderam a esse questionário.

As respostas dos estudantes, quanto à avaliação da suficiência do período de tempo dedicado ao estudo, indicam que grande parcela deles (69,8%) considera não dispor de tempo suficiente para realizar as atividades de estudo das diferentes disciplinas do semestre. Entre eles, a justificativa mais frequente para a insuficiência de tempo é o excesso de carga horária-aula na universidade, apontada por 37,2% dos estudantes.

A análise da relação entre o número de créditos² cursados e indicação de insuficiência de tempo para estudo, determinada por esse motivo (Tabela 3), mostra que a faixa de 28 créditos pode ser considerada crítica, a partir da

qual ocorre um percentual significativo de estudantes que consideram que os compromissos com a carga horária-aula não permitem o desenvolvimento integral das atividades de estudo exigidas pelas disciplinas.

Tabela 3
Porcentagem de Estudantes que Alegam Insuficiência de Tempo para Estudo Devido a Carga Horária-Aula, por Número de Créditos Matriculados

Nº de Créditos	f	%
Até 20	1	1,4
21 a 24	2	5,0
25 a 28	16	12,1
29 a 32	44	43,5
33 a 36	47	65,2
+ de 36	4	40,0
Total	114	26,8

A análise dos dados das *condições pessoais* aponta a ocorrência de interferência de condições físicas desfavoráveis, como sono ou cansaço, sobre a realização das atividades de estudo em 78,9% dos estudantes, sendo que o grande número de horas-aula é visto por 42,2% como o determinante principal desta condição.

O estudo da relação entre número de créditos cursados e indicação de desconforto físico, determinado pelo número da horas-aula, Tabela 4, mostra que, a partir da faixa de 25 créditos, há um número significativo de estudantes com problemas dessa natureza.

Tabela 4
Porcentagem de Estudantes que Apontam Sono ou Cansaço Devido à Carga Horária, por Número de Créditos Matriculados

Nº de Créditos	f	%
Até 20	5	7,2
21 a 24	5	12,5
25 a 28	34	25,7
29 a 32	55	54,4
33 a 36	35	48,6
+ de 36	5	50,0
Total	139	32,7

Ao estudarem, os universitários mostram forte tendência para o trabalho individual. O estudo solitário, tem sido a prática mais frequente conforme resposta de 78,4% dos informantes.

O dado que indica uma acentuada atuação individual, de certa forma contrasta com a frequência com que os estudantes procuram os colegas para resolver suas dúvidas acadêmicas. Ao terem dúvidas num curso, a alternativa mais comum entre os estudantes tem sido a de procurar os colegas. Aproximadamente metade deles (47,6%) assim o fazem. Depois dos colegas, é o professor do curso o mais procurado (29,2%), seguido pelas leituras (14,9%). Monitores e outros professores que não os da disciplina são pouco solicitados (1,4%), enquanto que 6,8% dos estudantes afirmam que, na maioria das vezes, não resolvem dúvidas.

Acerca das dificuldades encontradas pelos estudantes na compreensão de textos e/ou redação de trabalhos solicitados nas atividades

de estudo observamos que 48,7% declaram não terem encontrado dificuldade em compreensão, enquanto que para redação esse valor é de 49,8%. Ao verificarmos quantos estudantes declararam não terem encontrado dificuldades em nenhuma das duas situações, encontramos 30,8% dos informantes nesta condição o que nos deixa com a indicação de que 69,2% dos estudantes apresentam algum tipo de dificuldade, que pode ser ou em compreensão, ou em redação ou em ambos.

Quanto à origem, observamos que, com relação às dificuldades de compreensão de textos, os fatores alegados pelos estudantes estão mais concentrados em aspectos inerentes ao texto (excesso de terminologia técnica, má qualidade das traduções) e em problemas pessoais (falta de conhecimento básico na área de conteúdo, leitura superficial do texto) do que em problemas envolvendo diretamente o professor (inexistência de orientação e debates sobre os textos) (Ver Tabela 5).

Tabela 5
Origem das Dificuldades dos Alunos em Compreensão e Redação

Origem das dificuldades	Compreensão		Redação	
	f	%	f	%
a. problemas pessoais	90	37,8	65	28,0
b. inerentes ao texto ou a tarefa	96	40,3	65	28,0
c. falta de orientação do professor	39	16,4	71	30,6
d. outros	13	5,5	31	13,4
Total	238	100,0	232	100,0

Já com relação às dificuldades de redação, temos uma maior distribuição de respostas pelas três alternativas, havendo uma pequena superioridade em fatores ligados ao professor (falta de orientação, objetivos pouco claros, ausência de acompanhamento).

Na tentativa de compreender porque o estudante sente de forma mais acentuada a falta

de orientação do professor nas atividades de estudo que têm como característica principal a redação, levantamos algumas questões:

Seria essa situação determinada pelo fato das tarefas de redação, em geral, serem organizadas e elaboradas sobre tarefas que envolvem compreensão, sendo, portanto, subsequentes e mais complexas e, necessitando

assim de uma maior orientação? Ou a natureza dos trabalhos escritos na universidade (relatórios, dissertações, monografias) é diferente daqueles que os estudantes aprenderam a elaborar, no período pré-universitário, exigindo então maior acompanhamento do professor?

Temos alguns dados que parecem indicar que o aluno chega à universidade melhor preparado para as tarefas que envolvem a leitura do que a redação. Isso pode ser observado na pesquisa de Balzan (1993) realizada com alunos concluintes dos cursos da graduação da UNICAMP. Neste trabalho, ao questionar o domínio das habilidades envolvidas no estudo, o autor obteve que, enquanto 58,3% dos estudantes consideram que já haviam adquirido as habilidades de leitura e compreensão de textos antes de ingressarem na universidade, com relação às habilidades da elaboração de texto, a porcentagem é igual a 45,9%, portanto, menor.

No entanto, gostaríamos de voltar a questionar se estariam os nossos estudantes universitários realmente melhor preparados para leitura do que para a redação ou, se os trabalhos escritos melhor possibilitam a avaliação, levando a uma percepção mais nítida da falta de orientação.

Por último, temos que levantar a possibilidade de que o professor realmente oriente menos os trabalhos que envolvam produção de textos pelo aluno, preferindo discutir e debater os textos previamente elaborados.

Respostas isoladas a cada uma dessas questões talvez não correspondam à solução do problema, mas devem ser consideradas quer unitária, quer conjuntamente, sobretudo porque suscitam discussões sobre a responsabilidade frente ao ensino das habilidades e estratégias de estudo.

Ainda dentro do grupo de condições pessoais, foi solicitado aos estudantes que indicassem a frequência com que realizam determinadas atividades relacionadas ao estudo. A resposta consistia na indicação do ponto da

frequência que mais se aproximasse de sua atuação durante aquele semestre, em relação a cada atividade. O cálculo das médias das frequências de respostas para cada uma das atividades possibilitou uma análise comparativa da habitualidade dessas atividades.

Entre as 10 atividades investigadas, o tomar notas em aula é a única atividade a ser considerada como *muito habitual*. Entre as que podem ser classificadas como *habituais* estão: questionar o professor em aula ao ter dúvidas; rever notas de aula; estudar textos indicados; reler textos; analisar gráficos, tabelas e figuras que encontra nos textos; ler notas de rodapé e usar dicionário. Na faixa das *pouco habituais* encontra-se o fazer resumo dos textos indicados para estudo e, finalmente, como atividade *raramente* executada temos o procurar informações sobre os autores dos textos de leitura.

Em nossos resultados, destaca-se a frequência com que os estudantes anotam as aulas. Podemos analisar a atividade de anotar sob três perspectivas: como componente de estratégia suporte (Dansereau *et al.*, 1979), que o aluno adota para se manter atento à aula; como elemento de estratégia de compreensão na medida em que pode favorecer processos de elaboração durante a aula, ou como função de armazenagem, que possibilita usos posteriores a partir de revisões.

O grau de aprofundamento deste trabalho não nos permite conhecer qual ou quais dessas justificativas podem ser aplicadas aos nossos estudantes. No entanto, podemos dizer que, apesar da alta frequência da anotação, seus benefícios não são totalmente explorados, uma vez que a sua função de armazenamento, considerada como a mais importante na determinação do desempenho acadêmico (Kiewra *et al.*, 1991), nem sempre ocorre. Os dados mostram que os estudantes revêem as anotações em frequência inferior ao anotar, diminuindo assim a oportunidade de repetição de contato com o material e de favorecimento de processamentos mais produtivos da informação.

A grande difusão da anotação de aulas sugere a necessidade de um aprofundamento da pesquisa nesta direção, principalmente em relação à natureza da anotação realizada, isto é, ao que o estudante anota e como anota tendo em vista os seus objetivos. Só assim poderíamos ter certeza se o estudante realiza com boa qualidade uma atividade que, nesse momento, sabemos ser realizada em grande quantidade.

Ao opinarem sobre a origem das próprias habilidades de estudo, os estudantes, em sua maior parte (64,0%), dizem que já sabiam estudar antes de ingressarem na universidade. Aqueles que acreditam que aprenderam a estudar na universidade correspondem a 18,2% enquanto que os que afirmam que não sabiam e também não aprenderam, somam 17,8% do total.

Aos estudantes que assinalaram que aprenderam a estudar na UNICAMP, foi solicitado que indicassem o fator que, segundo eles, teria facilitado essa aprendizagem. Como resultado obtivemos que 53,6% consideram que o aprender a estudar dependeu mais de seu esforço pessoal do que da atuação do professor (12,2%) ou da influência de colegas (4,9%). Os restantes 29,3% indicam "outros fatores" como responsáveis, porém, entre os diferentes aspectos apontados, nenhum deles separadamente apresentou número expressivo de respostas.

A última questão solicitava que o estudante numerasse de 1 a 4, segundo ordem decrescente de influência, as condições às quais ele atribuía as eventuais dificuldades encontradas na realização de suas atividades de estudo.

A análise dos dados indica que os alunos apontam as condições temporais como as mais influentes, seguidas, em ordem, pelas condições pessoais, espaciais e materiais. Na avaliação destas condições, apresentam maior concordância quanto à influência das condições temporais e materiais e discordam principalmente quanto à avaliação do peso das condições pessoais na determinação das dificuldades na realização das atividades de estudo.

Resultados dos questionários dos professores

Além dos dados de identificação (anos da docência no ensino de graduação na UNICAMP e unidade de alocação) solicitou-se aos professores que respondessem apenas a duas questões: em primeiro lugar, pediu-se que numerassem de 1 a 4, segundo ordem decrescente e influência, as condições às quais atribuem as eventuais dificuldades apresentadas por seus alunos na realização das atividades de estudo e, em segundo lugar, que descrevessem o que têm observado, de modo a justificar a classificação da condição considerada de maior influência.

Suas respostas mostram uma grande concordância quando comparada às respostas dos alunos. Também, segundo os professores, são as condições temporais as mais influentes, seguidas pelas pessoais, espaciais e materiais.

Quanto à justificativa às suas respostas, verificamos que a escassez de tempo apontada decorre, segundo eles, principalmente do elevado número de horas-aula semanais que o aluno deve cumprir, ponto este mais uma vez coincidente com as respostas dos estudantes.

Pensando na possibilidade de que o tempo dedicado à docência pudesse estar relacionado à avaliação dos professores, separamos os mesmos em três grupos, de acordo com seu tempo de serviço. Verificamos que, independentemente dos anos de docência, os professores indicam as condições temporais como os principais na determinação das dificuldades de estudo encontradas por seus alunos.

Uma vez que os professores provinham de diferentes institutos e faculdades, procuramos verificar se a área de atuação poderia ser considerada uma variável relacionada à avaliação da influência dos diferentes grupos de condições. Novamente, verificamos que as condições temporais foram apontadas como as mais influentes, qualquer que fosse a área de atuação dos professores.

Considerações finais

Frente ao fato de professores e estudantes apontarem e considerarem que as dificuldades na realização das atividades de estudo decorrem principalmente de limitações temporais determinadas, em função do que consideram um excesso de horas-atividades obrigatórias, temos que essa situação possa ter como consequência uma diminuição de exigências e expectativas por parte do professor em relação aos trabalhos do aluno e que este limite seu envolvimento com as tarefas acadêmicas.

Com uma possível redução na exigência de atividades de estudo, ficaria a formação do estudante cada vez mais limitada às atividades de sala de aula. Schuman *et al.*, (1985), em pesquisas em que buscam associações entre comportamento de estudo e desempenho acadêmico já apontavam para o fato de que a presença em sala de aula é um melhor preditor de notas escolares do que tempo de estudo fora desse ambiente. Os autores entendem que a variável horas de estudo pode ter pequeno efeito sobre notas, pela simples razão de muitos professores atribuírem notas amplamente baseadas no material que apresentam ou enfatizam durante as aulas.

Se o professor se restringir ou se limitar a avaliar os conteúdos e habilidades desenvolvidas durante o período de aula, e que podem ser dominados nesse tempo, então as condições relacionadas às atividades de estudo terão realmente pouco peso na determinação das diferenças de notas, e o nível de frequência em aula será seu melhor preditor.

No entanto, entendemos que o efeito mais danoso da sobrecarga de atividades obrigatórias está na afirmação de uma relação de dependência total da formação do estudante à presença de um professor. Se, frente a cada conteúdo a ser aprendido, assume-se a necessidade da criação de uma disciplina, não estaremos impedindo o desenvolvimento da autonomia no estudo? Essa capacidade de aprender, independentemente de um tutoramento direto do professor, não deveria ser esperada, programada e exercitada?

Além dessas questões temos que lembrar que a percepção que estudante tem de uma carga de trabalho pesada deve ser considerada com cuidado, pois é uma das variáveis apontadas como relacionadas ao tipo de abordagem de estudo adotada por ele. Gow e Kember (1990), trabalhando com estudantes universitários, observaram resultados que são considerados similares aos encontrados em outras partes do mundo. Os autores destacam um efeito opressor da carga de trabalho sobre a forma como o estudante estuda, considerando tal carga, quando excessiva, uma das razões do emprego de um tratamento inadequado ao material de estudo. Ao abordar superficialmente o material, o estudante limita-se a memorizar os elementos definidos e apontados por outros, não havendo um empenho pessoal na busca e compreensão da estrutura e significado dos conteúdos.

Além disso, apesar dos trabalhos de pesquisa em torno do tempo dedicado ao estudo apontarem valores não expressivos de correlação entre esta variável e desempenho acadêmico (d'Ydewalle *et al.*, 1983; Delucchi *et al.*, 1987; Dickinson e O'Connell, 1990), as análises de correlação linear indicam que as relações mais fortes ocorrem nos valores extremos da variável tempo de estudo (Schuman *et al.*, 1985).

Quando o tempo disponível é restrito a intervalos pequenos, o desempenho parece ser afetado devido à impossibilidade de execução de estratégias mais complexas no tratamento do material. Isso pode ocorrer, portanto, pelo simples fato de que o espaço temporal é suficiente apenas para a realização das atividades iniciais como, por exemplo, uma primeira leitura de um texto, sem revisão ou estruturação conceitual do conteúdo, o que exigiria um período mais longo.

Por outro lado, frente à situação da insuficiência de tempo para a realização das tarefas acadêmicas, poderíamos, de início, procurar explicá-la como resultado das condições pessoais inadequadas do estudante. Dada a íntima relação entre atividades de estudo

e atividades de leitura, que se estabelece no ensino universitário, podemos esperar que dificuldades no domínio de habilidades de leitura venham inevitavelmente resultar em dificuldades em atender as solicitações das tarefas acadêmicas, dentro dos prazos temporais disponíveis. Porém, entendemos que melhorar a eficiência do nosso estudante como leitor, garantindo-lhe o conhecimento e o domínio de estratégias facilitadoras da compreensão do que lê, bem como das formas tecnologicamente mais eficientes de busca de informação, pouco auxiliará na economia total de tempo, se a maior parte do seu período diário estiver realmente sendo ocupado, como apontam alunos e professores, na realização de atividades que supõem sua presença obrigatória em sala de aula.

Assumindo o problema apontado por estudantes e professores teríamos que buscar soluções voltadas para a adequação do número de atividades obrigatórias às características e exigências da formação universitária.

Apesar de, num sistema de matrículas por disciplinas haver a possibilidade do número de horas aula semestrais ser auto-ajustado pelo estudante em função de suas necessidades, temos que considerar que há, para cada curso, uma proposta de programa que organiza a sequência e o ritmo das disciplinas assim como cria uma expectativa quanto ao número de anos de permanência do estudante na universidade.

Diante dessas considerações, entendemos que a solução da questão da sobrecarga de atividades, quando causada por possível excesso de horas-aula, está mais sob o controle da instituição do que do aluno, cabendo a ela reavaliar os programas frente aos objetivos propostos para a formação universitária.

As situações observadas parecem ser reflexo de uma visão restrita e não integrativa dos currículos cujos planejamentos e replanejamentos são decididos ao sabor de pressões, as mais variadas.

Apesar deste trabalho mostrar que a carga horária obrigatória é vista como o principal impedimento à realização das atividades de

estudo, entendemos que a solução para os problemas de estudo não esteja na simples diminuição da carga horária. Se esta alteração não for acompanhada por outras providências, corre-se o risco de que seja vista pelo aluno como uma oportunidade de se envolver com outras atividades, muitas vezes alheias à universidade.

É necessário uma constante atenção aos diferentes aspectos que asseguram a ocorrência das atividades de estudo. Não podemos deixar de considerar a questão básica do papel do professor, tanto no que se refere à programação, como no acompanhamento e avaliação dessas atividades.

A atuação dos professores, que em nosso trabalho foi apontada apenas por 12,2% dos estudantes como facilitadora da aprendizagem de habilidades de estudo na universidade, deveria ser entendida como necessária. O ensino universitário não deve restringir-se a programar "o que" o aluno deve ler. Ele deve simultaneamente propor atividades que visem o domínio das "formas" ou das "maneiras" de ler cada material-objeto de conhecimento.

As exigências do trabalho universitário, em geral, excedem as dos graus acadêmicos anteriores, não só em quantidade como em complexidade. A ausência de instrução sistemática tem sido apontada como o motivo principal pelo qual os estudantes universitários apresentam falhas no domínio de estratégias efetivas de aprendizagem independente, ausência essa em grande parte determinada pela falta de clareza quanto a quem sejam os responsáveis por seu ensino (Simpson, 1984; Weinstein *et al.*, 1989).

Seja sob a responsabilidade de uma disciplina, seja de todas, acreditamos que o mais importante é que o aluno não fique apenas sob a ação de orientações fortuitas e de ocorrências indesejáveis para assegurar o domínio de habilidades necessárias ao desempenho acadêmico efetivo na universidade.

Diante desta situação, entendemos ser necessário o encaminhamento de propostas de trabalho pedagógico e de pesquisa centradas nas

condições associadas ao estudo do aluno universitário. No campo do pedagógico, caberia pensar em programações, que como já dissemos, facultem ao aluno o domínio de estratégias de estudo que lhe permitam independência para aprender na universidade e fora dela. No campo da pesquisa, caberia investigar qualitativamente a natureza das habilidades envolvidas no estudar. Os dados desse trabalho sugerem a realização de estudos que investiguem em profundidade a questão da administração de tempo por parte do estudante, assim como um aprofundamento nas observações em torno de como são empregadas as técnicas e estratégias de estudo em presença de diferentes objetivos e contextos acadêmicos.

Notas

1. Note-se que o número total de respostas nem sempre corresponde ao total de informantes. A diferença, em alguns casos, deve-se à anulação de resposta por erro cometido pelo informante, e em outros, à ausência esperada de resposta, dada a dependência de algumas respostas à questão anterior, de acordo com as instruções. Isto vale para a totalidade dos dados aqui apresentados.
2. O crédito é a unidade de medida do trabalho escolar dos Cursos da Graduação da UNICAMP e corresponde, para todos os cursos envolvidos neste trabalho, a quinze (15) horas de atividade/aula ou atividades acadêmicas supervisionadas. Isto corresponde, nas disciplinas semestrais, a 1 hora/aula semanal.

Referências Bibliográficas

Balzan, N.C. (1993) UNICAMP - Qualidade de Ensino e Vida Universitária. Relatório de pesquisa, UNICAMP. (Divulgação Interna).

- Dansereau, D.F.; Collins, K.W.; McDonald, B.A.; Holley, C.D.; Garland, J.C.; Diekhoff, G.M. and Evans, S.H. (1970) Development and Evaluation of an Effective Learning Strategy Program. *Journal of Educational Psychology*, 71(1), 64-73.
- Delucchi, J.J.; Rohwer, W. D. and Thomas, J.W. (1987) Study Time Allocation as a Function of Level and Course Characteristics. *Contemporary Educational Psychology*, 12(4), 365-380.
- Dickinson, D.J. & O'Connell, D.Q. (1990) Effect of Quality and Quantity of Study on Student Grades, *The Journal of Educational Research*, 83(4), 227-231.
- Dydwalle, G.; Swerts, A. and DeCorte, E. (1983) Study Time and Test Performance as Function of Test Expectations. *Contemporary Educational Psychology*, 8, 55-67.
- Gow, L. & Kember, D. (1990) Does Higher Education Promote Independent Learning? *Higher Education*, 19, 307-322.
- Imperatriz, I.M.M. e Valente, J.A.V. (1988) Influência de Características Individuais e Sócio-econômicas no Comportamento de Busca de Informação entre Estudantes Universitários. *Ciência e Cultura*, 40 (5), 505-507.
- Kiewra, K.A.; DuBois, N.F.; Christian, D.; McShane, A.; Meyerhoffer, M. and Roskelley, D. (1991) Note-Taking Functions and Techniques. *Journal of Educational Psychology*, 83(2), 240-245.
- Schuman, H.; Walsh, E.; Olson, C. and Etheridge, B. (1985) Effort and Reward: The Assumption that College Grades Are Affected by Quantity of Study, *Social Forces*, 63(4), 945-966.
- Simpson, M.L. (1984) The Status of Study Strategy Instruction: Implications for Classroom Teachers. *Journal of Reading*, 28(2), 136-143.
- Weinstein C.E.; Ridley, D. S.; Dahl, T. and Webers, E. (1988/89) Helping Students Develop Strategies for Effective Learning. *Educational Leadership*, 46(4), 17-25.